
Literatura e Pedagogia de Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva

Coleção Leitura e Formação
São Paulo: Global, 2008

Rita de Cássia Olivério Couto

Mestre em Comunicação e Semiótica – PUC-SP;
Professora do Departamento
de Educação e do EAD – Uninove.
São Paulo – SP [Brasil]
rita.oliverio@gmail.com

O que aconteceu com a natureza educativa da literatura? Uma intrigante resposta a essa questão nos é apresentada no livro *Literatura e Pedagogia*. Logo em “Teorias e vivências”, primeira parte do livro, Zilberman trabalha com o tema “Sim, a literatura educa”, em que retorna ao século VI a.C. para ratificar a importância da literatura e seu poder educativo no mundo grego.

Que a poesia assumiu desde cedo propensão educativa, prova-o o fato de Psístrato, modernizador da sociedade ateniense durante o século VI a.C., ter organizado os concursos de declamação das epopéias; com isso, reconheceu que elas ofereciam ao povo padrões de identificação, imprescindíveis para ele se perceber como uma comunidade, detentora tanto de um passado comum quanto de uma promessa de futuro, constituindo uma história que integrava os vários grupos étnicos, geográficos e lingüísticos da Grécia. (p. 17).

Numa linha diacrônica, a autora caminha pela Renascença e chega a 1789 para, finalmente, mostrar a introdução na escola da literatura nacional, após a Revolução Francesa. Zilberman discorre

passo a passo o que aconteceu com a natureza educativa da literatura, pois a produção literária passa a integrar o currículo escolar, e aponta como essa natureza foi alterada:

O tipo de comunicação com o público, antes direto, foi institucionalizado e deixou de ter finalidade intelectual e ética, para adquirir cunho lingüístico. Por sua vez, se a perspectiva política não desapareceu, tomou outro rumo [...] (p. 20).

A autora elenca uma série de fatores que nos fazem refletir e que a levam a concluir que “a literatura deixou de ser educativa”. Apesar disso, não devemos em momento algum pensar que a autora adotou uma postura pessimista. Pelo contrário, ela, como ninguém, sabe que a literatura educa, mas isso não tem acontecido. Como professores, precisamos refletir o porquê disso. E é Zilberman que nos faz pensar quando afirma:

A crise levou o ensino de literatura a se indagar sobre seu sentido e finalidade. De certo modo, a literatura precisa descobrir, considerando as novas circunstâncias, em que consiste sua natureza educativa. (p. 22).

No entanto, qual a receita para a literatura retomar seu caráter educativo? A autora nos instiga a pensar ou repensar sobre as “propriedades da literatura; o efeito que ela provoca no leitor”; a importância da leitura do texto literário. Alternativas que não podem passar despercebidas na escola.

Já Ezequiel Theodoro, o outro autor da obra, fala sobre “Literatura e Pedagogia: reflexão com relances de depoimento” e adota um tom mais pessoal para expor suas ideias:

Esta a minha imagem da fruição de uma obra literária: na frente, como um carro-chefe, o desejo de reconstruir, de recriar, de um lado, o imaginário, dando força e suporte ao trabalho de reconstrução; de outro, concomitantemente, a consciência intuindo, abrindo a escuta e analisando, em benefício da visão crítica da vida, o real inusitado enformado pelo escritor. O amálgama da experimentação da linguagem literária: difícil de descrever, mas fácil de sentir quando vivido por um leitor. (p. 25).

Após lermos sua fruição, não há como evitar a nossa. . . Theodoro da Silva apela para a memória afetiva literária. Relembra as conversas com Jorge Amado e o que sentia com relação a obras como *Chapeuzinho Vermelho*, *A galinha dos ovos de ouro*, *Os três porquinhos*, *O Negrinho do Pastoreio*, *O menino da porteira* e outras mais. Discorre sobre as experiências que essas obras lhe deram, “[. . .] verdades extraídas e construídas, pelo trabalho de interpretação do sujeito-leitor situado na distração compromissada da leitura.” (p. 26).

Ao falar sobre seu gosto pessoal literário, Theodoro da Silva cria um diálogo quase íntimo com o leitor, pois, enquanto ele nos revela sua expe-

riência literária, buscamos a nossa. Cada obra citada e comentada faz com que busquemos na memória obras que também nos marcaram. Professores que nos estimularam e nos incentivaram.

Não se trata de nostalgia; pelo contrário, o autor reforça a fala de Zilberman e afirma que “A busca e o alargamento da compreensão dos fenômenos da vida, indo mais fundo e posicionando-se criticamente como leitor – esta, sem dúvida, uma das finalidades básicas de toda incursão em livros de literatura.” (p. 32).

Ao fazer “reflexão com relances de depoimento”, o autor apresenta o caráter educativo da literatura sob a perspectiva da própria experiência.

Na segunda parte da obra, é a vez de ambos refletirem sobre “O sistema”. E Zilberman discute: “Mas por que (a literatura) não educa mais?” Para ela a literatura perdeu seu caráter educativo, porque a fantasia, onde tudo começa no interior da obra literária, foi esquecida.

Talvez por não pertencer ao ideário da esquerda que a acusa de propiciar o escapismo, compensar alienação motivada pela divisão de trabalho ou desviar a classe operária de sua finalidade revolucionária: ou por estar acossada pelo pragmatismo burguês, que não tolera uma atividade que não resulte em produção e não tenha aplicação imediata e lucrativa. (p. 36).

Zilberman recorre ao pai da psicanálise, Sigmund Freud, para ratificar que “[. . .] a fantasia não pode ser escapista; nem as imagens que ela libera desligam-se do cotidiano ou da existência dos homens com os quais o artista convive.” (p. 36-37).

A obra literária tem a realidade como pano de fundo. No entanto, graças à imaginação do escri-

tor, conseguem-se detectar os conflitos dessa obra e buscar possíveis soluções:

A criação artística, nesse sentido, assume papel preponderante, porque, operando a partir das sugestões fornecidas pela fantasia, socializa formas que permitem a compreensão dos problemas; portanto, configura-se também como ponto de partida para o conhecimento do real e a adoção de uma atitude libertadora. (p. 37).

Para a autora, educação, fantasia e literatura fazem parte de uma tríade inseparável. No entanto, como ela mesma afirma, “[...] educação deixou de consistir em processo, presente em várias atividades sociais e culturais, para se apresentar como instituição, com estrutura, organograma, agentes, calendário e orçamento.” (p. 38).

Existem escolas que aboliram os contos de fada. Acreditam (?) que as crianças deixariam de tomar contato com a realidade e se enveredariam pelos contos fantásticos do mundo das fadas, bruxas, animais falantes etc. Um insiste em comemorar o *hallowen* como se essa data fizesse parte da nossa cultura. Outras testam os adolescentes nos três anos do Ensino Médio para o vestibular, com uma sobrecarga de resumos da literatura nacional, o que acaba fazendo com que muitos se afastem do prazer literário.

Para Zilberman, o caminho seria “[...] articular a utopia da educação àquela que está na base da fantasia e da literatura e move a vida humana, por mais atribulada que esteja a sociedade.” (p. 38).

Em seguida, Theodoro da Silva aparece para dialogar com Zilberman e com o leitor em “Literatura e pedagogia: interpretação dirigida a um questionamento”. Fala de tempos homéricos... Entra em cena

novamente sua experiência literária. Começa com Zeus, passa por Hermes, Prometeu, Sísifo. Intercala na sua fruição literária pessoal uma cena de *2001 – uma odisseia no espaço*, de Kubrick, alguns versos do poema *Ulisses*, de Fernando Pessoa e trechos de uma peça de Shakespeare. Chega até a Renascença. Enquanto a arte escapou por todos os poros do homem “[...] o conjunto mais significativo de obras literárias certamente ficou fora das escolas.” (p. 42).

Já na época burguesa, “[...] a literatura transforma-se em peça de uma engrenagem maior: o Estado burguês”. (p. 43).

No entanto, quando Theodoro da Silva tem de falar do “ensino da literatura no Brasil”, o tom é de denúncia: “O quadro é caótico, como é caótica toda realidade nacional. Tudo, menos a fruição concreta e consequente da literatura nas escolas.” (p. 45). O autor não usa meias palavras para denunciar e até alertar sobre o ensino de literatura das últimas décadas. Conhecedor do assunto, afirma que “A literatura pode ser tudo (ou pelo menos muito) ou pode ser nada, dependendo da forma como for colocada e trabalhada em sala de aula.” (p. 46).

Está nas mãos do professor esse ensinamento. Ele precisa dar ao texto literário sentido de mundo, necessita ser leitor, ser apaixonado pelo que faz. Do contrário não convencerá o aluno sobre a importância do saber e o sabor e o prazer que existem no ato de ler um texto literário.

Silva termina esse capítulo com questões bastante pertinentes, que todos nós devemos nos fazer, pois para ele “Compete ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor.” (p. 47).

Na penúltima parte do livro, “Projeto e utopia”, Zilberman surge com o seguinte título: “Respondendo em forma de proposta”. Para a

autora, ficou para trás a eficiência do ensino de literatura que “[...] se mostrou útil aos objetivos do projeto educacional burguês” (p. 51). Hoje tornou-se dispensável. O que fazer para mudar esse quadro? A autora, sabiamente, não dá respostas prontas, fórmulas mágicas. Ela é categórica quando afirma “Nada é possível, se o ensino da literatura não se implantar sobre o diálogo. O professor não pode conhecer seus alunos se não promover a interação da experiência de leitura já adquirida entre os leitores com que trabalha.” (p. 53).

Para que o aluno tenha consciência da sua formação é preciso que, principalmente o professor se conscientize que, “Esse processo, porém, depende de uma troca contínua de idéias e informações, sem a qual se encastelam em seu mundo interior, impedindo-se de socializar e compartilhar vivências passadas e presentes.” (p. 53).

Para que isso aconteça, o ensino da literatura desempenha papel de importância ímpar. Infelizmente não é o que vem acontecendo, e para Zilberman, não só ao que se refere à leitura e literatura. “O sucateamento de escola reduziu-a ao grau zero [...]” (p. 53).

Silva em “Descomplicando o ensino de literatura”, afirma que o problema não está com a educação e nem está com a literatura “[...] está com o ensino de literatura” (p. 55). A obrigação da leitura e as dinâmicas didáticas que a acompanham, acabam, muitas vezes por constranger esse aluno.

Para o autor “O dilema da educação literária, que deveria e poderia ser promovida na escola, está exatamente na impossibilidade de eliminação do mediador que faz a ponte entre estudantes e os livros: o professor.” (p. 57).

Se o professor não é leitor, como ele conseguirá convencer seu aluno sobre a natureza educativa da literatura? Ou se ele “[...] didatizar as produções literárias e sua leitura, de acordo com determinados princípios pedagógicos (aliás, também políticos), a escola dificulta, impossibilita ou até mesmo destrói o potencial educativo inerente da literatura.” (p. 55).

Na última parte, “Outros contrapontos”, temos o fim do diálogo entre Zilberman e Theodoro da Silva. É também o fim do diálogo com o leitor. No entanto, é também o início de um desafio, de questões e propostas e é também uma “bandeira” contra “[...] a corrosão das humanidades e das artes no âmbito do currículo escolar, mas também dos rumos tomados pela sociedade brasileira – rumos nos quais valores éticos e estéticos não mais encontram lugar, não mais têm voz e vez.” (p. 65).

Zilberman e Theodoro da Silva citam e comentam livros que tratam com muita ética e estética a natureza educativa da literatura. É a vez de lermos e discutirmos essa obra e a voz é daqueles que, mesmo com tantas adversidades, se dirigem à sala de aula e cumprem com maestria seu papel de educador e de formador.